

O MENINO, O COLEIRA E O VENDEIRO

RUBEM BRAGA

As vacas estão magras; é tempo delas. "Minhas laranjeiras — conta um homem que bebe cachaça no botequim em que vou comprar anzol — este ano já deram flor duas vezes, agora estão outra vez carregadinhas. Mas desta vez, se não chover, elas desistem."

E' claro, as laranjeiras não são de ferro. Esses homens da lavoura só têm uma conversa, que é a seca. Chega um menino com um burro, dois balaços cheios de lenha. O velho da venda olha com desprezo as achas: "Quanto?" O menino hesita, coçando um pé com o dedo de outro: "Dezesseis". O homem da venda vira a cara. O menino fica ali. O velho aperta mais os olhos miudos para separar três anzóis pequenos. Eu me interessei pelo coleira do brejo que está cantando. O velho:

— Esse coleira é especial. Eu tinha aqui é um gaturamo que era uma beleza. Mas morreu ontem; é um bicho que morre atoa.

Um pescador de bigodes brancos vem tomar sua cachaça. O velho serve, recebe, dá o troco. "O senhor quer chumbo também?" Compro uma chumbada, alguns metros de linha. Subitamente ele se dirige ao menino da lenha:

— "Quer 12 mil réis, pode botar lá dentro."

O menino cede. Entrega a lenha. Monta outra vez no burro, vai-se embora com o dinheirinho. Foi no mato cortar pau, rachou um cento de achas, carregou o burro, veio trotando lentamente até Cabo Frio. Levou 12 mil réis. Procuo vingá-lo:

— Quanto é o coleira?

— Ah, esse eu não tenho para venda, não...

O velho está mentindo: ele seria incapaz de ter um coleira se não fosse para venda: miserável como é, não iria gastar alpiste e farelo em troca de cantorias. Eu me desinteressei. Peço uma cachaça. O homem das laranjas, ou melhor, o homem das laranjeiras, vai-se embora. Chegam outros.

chumbada, a cachaça. Ele ainda pergunta: "Não leva o coleira?" Já fiz o homem padecer bastante em sua cobiça. Seria inútil explicar-lhe que um coleira do brejo não tem preço. Que um coleira do brejo é, ou devia ser, um pequeno animal sagrado e livre, como aquele menino da lenha, como aquele burrinho magro e triste do menino. Que enquanto ele estiver rachando lenha no inferno, o burrinho, o menino e o coleira vão entrar no céu — trotando, assobiando com alegria.

Nov. 51

"O vendeiro"

M 386

aparece

Quadrante 1

Radio 13.5.61

— Quanto é que o senhor dá pelo coleira?

Fico calado algum tempo.

— Não sei...

Depois de um silencio, ele volta:

— O senhor diga...

— Não sei preço de coleira.

— O sr. querendo dar 100 mil réis, leva.

Por trás dele o pescador de bigodes brancos me faz sinal para não comprar. Finjo espanto:

— "Cem" Cruzeiros?

Ele fica ofendido:

— Ainda a semana passada eu rejeitei 120; esse coleira é muito especial.

Completamente escravo do homem, o coleirinha põe-se a cantar, mostrando suas especialidades. Faço uma pergunta sorna:

— Foi o sr. que pegou ele?

— Não tenho tempo para pegar passarinho.

Sei disso. Foi um menino descalço, como aquele da lenha. Quanto terá recebido esse menino desconhecido por aquele coleira especial?

— No Rio eu compro um papa-capim mais barato.

— Mas isso não é papa-capim. Se o senhor conhece passarinho, o sr. está vendo que coleira é esse.

— Mas cem cruzeiros?

— Quanto é que o senhor oferece?

Uso também seus longos silêncios. Fumo meu cigarro. Deixo que ele atenda um freguês que compra bananas. Fico mexendo com o pedaço de chumbo. Desenrolo e enrolo devagar a linha. Estou me enchendo de coragem. Afinal digo com a voz fria, seca:

— Dou 20 pelo coleira e 10 pela gaiola.

O velho faz um ar de absoluto desprezo. Mas não se zanga; tem um gesto de desprendimento:

— 50 mil réis o sr. leva tudo.

Pago os anzóis, a linha, a

HEMORRÓIDAS

Tratamento sem operação

DR. MILTON CESAR RIBEIRO

Especialista da Santa Casa

Das 4 às 7 horas

R. S. Bento, 45, l.o. Tel. 32-0850

564